

Problematizando o conceito de “meio” de comunicação

Carlos Alberto Ávila Araújo¹

Resumo

O objetivo do texto é problematizar a idéia de “meio” de comunicação e seus correlatos, como “mídia”, “veículo”, “canal” e “suporte”. A seguir, analisa-se a evolução histórica dos vários meios de comunicação utilizados pela humanidade. A conclusão aponta para uma compreensão ampla do que pode ser entendido como meio de comunicação, incorporando, além dos meios impressos, audiovisuais e digitais, outros como a oralidade, a gestualidade, a vestimenta, a arquitetura, a decoração etc.

Palavras-chave: meios de comunicação, história dos meios, pesquisa em comunicação.

Abstract

The goal of this paper is to discuss the notion of “means” of communication and its correlates, such as “media”, “vehicle”, “channel”, and “support”. It then investigates the historical development of the various means of communication used by man. The conclusion presents a broad understanding of what means of communication may be, which includes, besides the written means, also audiovisual and digital means, as well as others such as orality, gesture, dress code, architecture, interior design, etc.

Key words: means of communication, history of means of communication, research in communication.

Toda definição ou problematização do que seja comunicação envolve, necessariamente, alguma referência aos meios de comunicação. Este texto, inserido no âmbito de uma pesquisa maior que buscou a construção de um sistema de classificação para a área de comunicação, tem por objetivo apresentar a discussão que embasou a construção das categorias relativas especificamente aos meios de comunicação. Para tanto, a noção mesma de “meio de comunicação” tornou-se um problema de pesquisa.

¹ Jornalista e doutor em Ciência da Informação. Professor adjunto da Escola de Ciência da Informação da UFMG.

Definições de meios de comunicação

A definição de meio de comunicação não é absolutamente clara e precisa, sendo que muitas vezes o termo “meio” é utilizado como equivalente de “mídia”, “canal”, “veículo” ou “suporte”. Rabaça e Barbosa, por exemplo, definem meio como o “canal ou cadeia de canais que liga a fonte ao receptor”, ou “sistema (constituído por elementos físicos) onde ocorre a transmissão de mensagens” (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 479). Nesse sentido, os autores destacam que o meio de comunicação equivale a um meio de transporte, no caso transporte de mensagens, mas com uma diferença: os meios não são neutros em relação àquilo que veiculam; eles moldam as mensagens à sua própria imagem, isto é, às suas características.

Os mesmos autores definem, ainda, veículo – “o mesmo que meio de comunicação” (Ibidem, p. 751) – e canal, “todo suporte material que veicula uma mensagem de um emissor a um receptor, através do espaço e do tempo” (Ibidem, p. 100). De acordo com os autores, o termo canal é mais restrito por se relacionar com o fenômeno físico e é normalmente utilizado com três sentidos: referente aos mecanismos de expressão da mensagem (os sentidos humanos, as capacidades sensoriais), aos veículos ou processos pelos quais a mensagem é transmitida (os fenômenos físicos tais como as ondas sonoras, ondas luminosas etc.) e aos meios pelos quais os fenômenos físicos se desenvolvem (ar, água etc.).

Eles ainda promovem uma distinção entre canais naturais ou sensoriais (nos quais o homem é o receptor imediato das mensagens) e canais artificiais ou técnicos, estes divididos em canais espaciais (que levam a mensagem de um lugar a outro, como o telefone, rádio, TV etc.) e os temporais (que levam a mensagem de uma época a outra, como o disco, a fotografia, o cinema).

Também Beltrão e Quirino promovem uma ampla discussão sobre os meios de comunicação, inclusive salientando uma diferenciação entre meios, veículos e canais. Os meios são entendidos como a acepção mais ampla, instrumentos ou

aparelhos técnicos utilizados para se difundirem mensagens. Veículo é o termo utilizado para a “idéia de suporte ou revestimento (material ou formal)” (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 120) e canal “está vinculado, mesmo na prática, à idéia de ondas (luminosas, acústicas, eletromagnéticas) que transportam o significado manifesto no caso dos meios gráfico-visuais e, nos demais, a mensagem tecnicamente reduzida a um *signal*” (Ibidem, p. 20). A seguir, os autores classificam os meios segundo dois critérios. O primeiro considera os fatores tempo e espaço e permite dividir os meios em temporais e espaciais. Eles são definidos como:

1. Temporais: Aqueles que fixam e armazenam a mensagem de alguma maneira e a transportam de uma época a outra, através do tempo, pelos veículos impressos (livro, folheto, avulso etc.) e gravados (discos, películas foto e cinematográficas, fitas áudio e videomagnéticas), mediante processamento industrial.
2. Espaciais: Aqueles que conduzem a mensagem de um lugar para outro, em emissões através de ondas eletromagnéticas com os aparelhamentos de rádio e a televisão, desde que não em circuito fechado (BELTRÃO; QUIRINO, 1986, p. 123).

O outro critério leva em conta a forma e a natureza dos signos empregados para a elaboração das mensagens, bem como os mecanismos senso-perceptivos utilizados pelos receptores dessas mensagens. Por esse critério, os meios se dividem em gráfico-visuais, sonoro-auditivos, audiovisuais e plástico-táteis (Ibidem, p. 123). Ao final da discussão, os autores introduzem um quadro-síntese que esquematiza os meios, veículos e canais na comunicação de massa.

Thompson tem uma visão semelhante. Em sua argumentação, ele expõe os aspectos presentes no processo de comunicação que ele denomina “transmissão cultural”, isto é, o intercâmbio de mensagens entre diferentes atores. Esse processo é composto de três aspectos, sendo um deles o meio técnico utilizado para a transmissão das formas simbólicas. O autor entende meio da seguinte forma: “O meio técnico de transmissão é o substrato material

de uma forma simbólica, isto é, os componentes materiais com os quais, e em virtude dos quais, uma forma simbólica é produzida e transmitida” (THOMPSON, 1995, p. 221).

Os meios possuem três atributos. O primeiro é o que permite certo grau de fixação da forma simbólica que é transmitida. Diferentes meios possuem diferentes graus de fixação das mensagens. Na conversação, por exemplo, mesmo aquela que utiliza meios técnicos como o alto-falante ou microfone, o grau de fixação é bastante baixo ou inexistente. Já a escrita, gravura, pintura, filmagem ou gravação possuem um grau maior de fixação, mas que depende ainda do meio específico empregado – uma escrita na pedra, por exemplo, é mais durável do que uma no papel.

O segundo atributo se relaciona com o grau de reprodução das formas simbólicas. A escrita, por exemplo, foi beneficiada com o desenvolvimento da imprensa, permitindo a reprodução de conteúdos em ampla escala. Essa reprodutibilidade também se verifica com a litografia, a fotografia e o gramofone.

O terceiro atributo do meio técnico diz respeito à natureza e à amplitude da participação que ele permite, ou requer, dos indivíduos envolvidos com o uso desse meio. Ler um livro, por exemplo, exige uma série de ações (alfabetização, concentração, controle do tempo) bastante diferentes de assistir a um programa de televisão (pode ser visto com diferentes graus de atenção, não há controle sobre o tempo ou a seqüência, não exige alfabetização).

Os outros dois aspectos envolvidos no processo de transmissão cultural são o aparato institucional de transmissão e o distanciamento espaço-temporal. Essa terceira característica vai ser utilizada pelo autor para promover ainda uma outra distinção relevante: a dos três “tipos de situação interativa criados pelo uso dos meios de comunicação” (THOMPSON, 1998, p. 78). O primeiro desses tipos é a “interação face a face”, marcada pelo contexto da co-presença, isto é, os interlocutores partilham das mesmas dimensões de tempo e espaço, e

marcada também por ser essencialmente dialógica, isto é, implicam ida e volta no fluxo de informação, alternância de papéis de emissor e receptor.

O autor identifica ainda como segundo tipo de situação interativa proporcionada pelo uso dos meios de comunicação as interações mediadas, isto é, interações que implicam a utilização de algum meio técnico que possibilita “a transmissão de informação e conteúdo simbólico para indivíduos situados remotamente no espaço e no tempo ou em ambos” (THOMPSON, 1998, p. 78). São exemplos desse tipo de interação as comunicações que ocorrem por meio de cartas e conversas telefônicas, entre outras. Esse tipo de interação preserva a característica de dialogicidade do tipo anterior, mas promove a separação dos contextos (com a disponibilidade de mensagens estendida no tempo e/ou no espaço) e a limitação das possibilidades de deixas simbólicas.

O terceiro tipo de interação é a “quase interação mediada”². Trata-se das “relações sociais estabelecidas pelos meios de comunicação de massa (livros, jornais, rádio, televisão etc.)” (Ibidem, p. 79). É um tipo de interação de caráter monológico, com o fluxo de comunicação ocorrendo predominantemente num único sentido.

Outra classificação dos meios de comunicação é promovida por Pross, que os identifica como sendo primários, secundários ou terciários. Os veículos de comunicação primários são aqueles que permitem que as pessoas se comuniquem sem instrumentos mediadores, são os meios de contato direto entre as pessoas. O primeiro desses meios é a linguagem. Os veículos secundários surgem posteriormente e possibilitam a interação entre pessoas mediante o emprego de tecnologias na produção das mensagens. Em primeiro lugar, são considerados os meios impressos. Por fim, os veículos terciários, surgidos após os demais, consistem em sistemas tecnológicos que precisam

² Na tradução para o português do livro de Thompson, consta a designação “interação quase mediada”. Contudo, em conversa direta com o autor na ocasião de sua vinda ao Brasil para ministrar aulas como professor visitante, constatou-se que o termo correto em português seria “quase interação mediada”. Afinal, o que é “quase” é o caráter interativo da relação, dado que o fluxo de mensagens é predominantemente de mão única. O caráter “mediado” desse tipo de relação é maior ainda do que o da interação mediada, não justificando que se designe por “quase mediada”. Tratou-se, na verdade, de um erro na tradução brasileira.

de instrumentos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor, como no caso do rádio e da televisão. Sobre essa classificação, deve-se enfatizar:

Em todos esses meios, verifica-se, em grau crescente de complexidade, a manifestação e desenvolvimento das tendências básicas da comunicação; o reforço da expressão, a expansão da publicidade e a superação das barreiras do tempo e do espaço. Não obstante, o primeiro tipo é o fundamental, porque é a estrutura mediadora que torna possível a própria comunicação. Os outros consistem basicamente em formas de transporte ou distribuição técnica dessa estrutura através do tempo e espaço (RÜDIGER, 1998, p. 45).

A contribuição dos autores citados acima permite compreender a significação de meio de comunicação como a forma encontrada pelo homem para inscrever sentido e transmitir ou compartilhar esse sentido com outros, isto é, a “agência que permite que a comunicação aconteça” (O’Sullivan et al., 2001, p. 151). Algumas distinções também já aparecem, como a que identifica meios “naturais”, no dizer de Rabaça e Barbosa, isto é, aqueles em que o homem é receptor direto das mensagens – correspondente à interação face a face analisada por Thompson; e a existência de meios “artificiais ou técnicos” (Rabaça e Barbosa), que são instrumentos utilizados pelo homem para comunicar e que permitem interações mediadas ou quase interações mediadas (Thompson), que prescindem da co-presença dos interlocutores. Também se podem distinguir, entre esses últimos, aqueles meios que permitem interações através do tempo daqueles que permitem interações através do espaço.

Tomando-se os meios de comunicação como uma faceta para a construção do sistema classificatório para a área de comunicação, resta ainda a questão de listar os focos presentes nessa faceta. As classificações apresentadas acima (naturais/técnicos, espaciais/temporais) podem ser um caminho, mas não são a única possibilidade.

A preocupação com a classificação dos meios também está presente, por exemplo, em Bordenave. Na discussão que realiza sobre a comunicação como tecnologia, o autor lista as invenções dos séculos XIX e XX (BORDENAVE, 1986, p. 56), elenca os objetivos gerais das tecnologias dos meios de comunicação (Ibidem, p. 57) e apresenta algumas classificações dos meios efetivadas por outros autores: classificação de Schramm, que divide os meios em quatro gerações; de Dale, que ordena os meios segundo a proximidade

destes com a experiência direta e concreta; de Moragas Spá, que, segundo uma gradação por níveis, de acordo com o número de pessoas envolvidas, identifica micromeios (fotocopiadora, telefone, cinema super-8, videoteipe, fotografia, gravadoras de fita), mesomeios (emissoras de FM, imprensa local, livros, revistas especializadas, discos, televisão por cabo), macromeios (jornais de difusão nacional, cadeias de rádio e televisão) e megameios (satélites de comunicação).

Uma classificação que ficou famosa nos estudos em comunicação é a promovida por McLuhan entre meios quentes e meios frios:

Há um princípio básico pelo qual se pode distinguir um meio quente, como o rádio, de um meio frio, como o telefone, ou um meio quente, como o cinema, de um meio frio, como a televisão. Um meio quente é aquele que prolonga um único de nossos sentidos e em “alta definição”. Alta definição se refere a um estado de alta saturação de dados. (...) Um meio quente permite menos participação do que um frio: uma conferência envolve menos do que um seminário, e um livro menos do que um diálogo (McLUHAN, 2000, p. 38-39).

Outros autores realizam distintas listagens de meios de comunicação, apresentando suas características. Para Sousa, são sete os principais: a imprensa (que inclui jornais, revistas, livros e histórias em quadrinhos), fotografia, rádio, cinema, televisão, discos, cassetes e outros suportes de gravação e internet. Sobre a imprensa, o autor destaca que o termo pode designar tanto os meios jornalísticos como o jornalismo de uma forma geral, a tipografia ou ainda o conjunto de publicações impressas (SOUSA, 2003, p. 167). E salienta ainda que já existiam outros métodos de impressão antes da invenção de Gutenberg, mas que foi ele quem permitiu a produção em massa (Ibidem, p. 169).

Já James Thompson identifica os veículos gráficos e sonoros, o cinema, a televisão e os computadores. Para Pfromm Netto, são sete os meios de comunicação: jornal, revista, cinema, rádio, TV, livro e histórias em quadrinhos. Malanga, no contexto da publicidade, agrupa os meios segundo cinco categorias: meios gráficos (jornal, revista e impressos), auditivos (rádio e alto-falante), visuais exteriores (cartazes, murais, anúncios em ônibus, painéis, tapumes, luminosos, vitrinas) e interiores (expositores, cartazes de balcão, giratório), audiovisuais (televisão, cinema), subsidiários (folhetos, catálogos,

amostras, brindes) e animados (“homem-sanduíche”, “perna de pau”, reclamista).

A lista poderia se estender incorporando ainda diversos outros autores e listagens. Contudo, no contato com uma série de trabalhos que apresentam a comunicação a partir dos meios utilizados pelos seres humanos para estabelecer relações comunicativas, percebeu-se que a forma mais comum é a definição a partir de uma perspectiva histórica: tratar da evolução da comunicação é tratar da evolução dos meios de comunicação, das várias técnicas, instrumentos, canais, veículos ou suportes inventados pela humanidade para se comunicar. A importância atribuída aos meios de comunicação para uma visão histórica da comunicação evidencia que eles são componentes fundamentais da própria definição de comunicação. Ao mesmo tempo, são identificadas as características de cada meio, a distinção daqueles mais relevantes e, ainda, o destaque para o papel estruturante dos meios na configuração das interações comunicativas e das mensagens. Cada meio supõe uma forma diferente de participação dos interlocutores (alguns são mais dialógicos ou interativos do que outros; alguns permitem trânsito maior de mensagens não-intencionais do que outros etc.). Cada meio permite, também, um arranjo singular de elementos sógnicos para compor a mensagem (certas mensagens se adaptam melhor a um meio que utiliza apenas sinais visuais, outras são mais adequadas para meios que comportam grande quantidade de informação verbal e, assim, fala-se em linguagem fotográfica, cinematográfica, radiofônica etc.).

Evolução histórica dos meios

Antes de analisar essas características, serão examinados alguns trabalhos que analisam a comunicação a partir da história dos meios. Assim, vários são os autores que analisam a questão dos meios de comunicação, mapeando no tempo o surgimento de cada novo tipo de meio de comunicação. É o caso de Mattelart, que ambiciona “reconstituir a genealogia do espaço comunicação-mundo” e, para tanto, “analisa as modalidades da implantação das tecnologias

e redes de comunicação que, desde o século XIX, têm feito recuar incessantemente as fronteiras dos Estados-nações” (MATTELART, 1994, p. 9). O autor realiza um exame minucioso do surgimento e da inserção social, política e econômica de diversos meios, como a imprensa manual, o telégrafo ótico, a máquina a vapor nas impressoras, o telégrafo elétrico, o daguerreótipo, o cabo submarino, a máquina de escrever, o telefone, o fonógrafo, a máquina de cartões perfurados, o cinematógrafo, os *comics* nos jornais, a projeção cinematográfica, a radiocomunicação, o cinema falado, a televisão, o computador, os satélites artificiais, as redes de computadores.

Gontijo apresenta seis momentos da evolução da comunicação: a fala; a escrita (em suas várias modalidades, como a escrita cuneiforme e os hieróglifos, entre outros, que permitiram a simbolização dos sons e a organização de um sistema de códigos); a evolução da escrita com o alfabeto; a prensa, que permitiu a difusão ilimitada, fiel e simultânea das mensagens, tendo no livro o principal meio de comunicação; os jornais e periódicos, primeiros veículos de comunicação realmente produzidos em massa; e a comunicação de massa, que se realiza com a evolução de diversas invenções (a fotografia, o telégrafo, o fonógrafo, o cinema, o rádio, a televisão e, por fim, a internet).

Um exaustivo histórico da evolução dos meios de comunicação desde os primórdios da humanidade é realizado também por DeFleur e Ball-Rokeach. Os autores identificam, inicialmente, uma fase marcada pelo uso de símbolos e sinais, seguindo-se a era da fala e da linguagem, passando pelo advento da escrita, da impressão e chegando, enfim, à era dos meios de comunicação de massa. Analisam, a seguir, as etapas de evolução tecnológica dos principais meios de comunicação de massa: a imprensa (jornal), o cinema, o rádio e a televisão – e outros meios ligados à evolução destes, como a fotografia, o telégrafo, a televisão por cabo, o videocassete.

Rodrigues é outro autor que apresenta um amplo panorama histórico. Começa apresentando a fase das representações gráficas, para, a seguir, passar para as etapas do discurso oral, da escrita alfabética e da imprensa escrita,

terminando a primeira parte de seu quadro identificando a própria linguagem como um dispositivo técnico (RODRIGUES, 1999, p. 56). A seguir, o autor apresenta as técnicas da informação mediática: a imprensa da época industrial, a fotografia, o cinema, a radiodifusão sonora, a radiodifusão televisiva, os satélites de telecomunicações, os sistemas de cabos. Por fim, apresenta as técnicas da informação digital: o computador, os dispositivos multimídia, o CD-ROM e as redes telemáticas (internet). Para cada meio, o autor salienta os passos de sua evolução tecnológica e apresenta as principais características.

Magalhães, comentando McLuhan, distingue quatro estágios da história humana com base nos meios de comunicação disponíveis em cada época: a época da cultura oral, da cultura manuscrita, da cultura impressa e das comunicações eletrônicas. Debray apresenta uma classificação bastante parecida, identificando as épocas marcadas pela escrita (logosfera), pela tipografia (grafosfera) e pelos meios audiovisuais (videosfera). (DEBRAY, 1993, p. 207).

Thompson distingue três momentos na história da evolução dos meios de comunicação: o primeiro, referente à invenção da escrita e, posteriormente, da imprensa, desenvolve-se até o século XIX, quando se consolida o comércio de notícias, a indústria do jornal; o segundo se dá com o desenvolvimento da difusão, iniciado com o rádio no começo do século XX e revolucionado com a televisão nas décadas de 1940 e 1950; e o terceiro, contemporâneo, relativo às tecnologias digitais, em que se observa, ainda, a crescente concentração das indústrias da mídia, sua diversificação e globalização.

Também Briggs e Burke se dedicam à construção de um panorama histórico dos meios de comunicação. Os autores começam seu trabalho pela “revolução da prensa gráfica”, com a invenção dos tipos móveis, “provavelmente por Johann Gutenberg de Mainz” (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 26), destacando que essa é a primeira grande inovação nos meios de comunicação que teve consequências profundas na história da humanidade – pois a impressão “em bloco” já existia há séculos na China e no Japão.

Os autores não deixam de destacar, no mesmo período, a existência e a importância da comunicação oral, citando, inclusive, que, para o sociólogo Zigmunt Bauman, os púlpitos da Igreja Católica podem ser descritos como meio de comunicação de massa (Ibidem, p. 38); da comunicação escrita; e da comunicação visual, por gestos, cuja linguagem era ensinada em escolas, e por pinturas, esculturas e estampas. Conforme os autores:

Parece que as formas de comunicação mais efetivas daquele período – assim como acontece hoje – eram as que apelavam simultaneamente para os olhos e os ouvidos, combinando mensagens verbais com não-verbais, musicais e visuais, desde tambores e trombetas de paradas militares até os violinos que acompanhavam performances de salão. No início da era moderna na Europa, essas formas incluíam rituais, espetáculos, peças, balés e óperas (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 49-50).

Na evolução histórica dos meios de comunicação, os autores destacam a importância de um conjunto de invenções e processos nos séculos XVIII e XIX (a máquina a vapor, o desenvolvimento das ferrovias, dos navios e dos correios, a eletricidade e a telegrafia, a telefonia), chegando à “revolução da mídia no século XX” (Ibidem, p. 129) com a radiodifusão, pelo rádio e depois também pela televisão, com o cinema e com o gramofone, além da imprensa que, desde o final do século XIX, já atingia enormes tiragens. Por fim, os autores apresentam a etapa do desenvolvimento das tecnologias digitais, com os computadores, os satélites, os sistemas de televisão por cabo e a internet.

Esse conjunto de trabalhos que realizam uma análise histórica dos meios de comunicação compõe o quadro de referências a partir do qual serão buscados os elementos para uma listagem dos meios de comunicação. Assim, serão a seguir, analisados os vários meios que aparecem nas periodizações acima, enfatizando suas características e os aspectos que permitem diferenciar uns dos outros. Para tanto, primeiro serão separados aqueles autores que realizam longos históricos da comunicação, desde a pré-história; aqueles que realizam discussões sobre as características de grandes conjuntos de meios de comunicação; e aqueles que apresentam as características específicas de alguns meios.

Diferenciação dos vários meios

O início da identificação dos meios de comunicação remonta à pré-história da humanidade. DeFleur e Ball-Rokeach, na análise das etapas da evolução da comunicação humana, remontam aos registros fósseis mais antigos encontrados por paleoantropólogos, relativos a espécimes da ordem dos primatas, passando pelos primitivos homem de Neanderthal e o Cro-Magnon. Entre os comportamentos deste último, estão a habitação tanto em cavernas quanto em abrigos temporários, a fabricação de ferramentas, a caça, a agricultura, a confecção de roupas e conservação de alimentos, a realização de cerimônias para os mortos e o cuidado dos velhos e doentes. Chegaram ao ponto de desenvolver uma tradição artística com entalhes e pinturas nas cavernas.

Como a intenção dos autores é a de “encarar a evolução da humanidade sob o ponto de vista de eras crescentemente mais sofisticadas de comunicação”, isto é, analisar a história da existência humana “a partir das etapas distintas no desenvolvimento da comunicação humana” (DeFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 22), eles identificam esse período e essas práticas como a primeira etapa do desenvolvimento dos meios de comunicação. Trata-se da “era dos símbolos e sinais”. Eram utilizados, nesse período, alguns gestos, sons e sinais padronizados. Os autores advertem que “isso não era a fala. Muitos animais utilizam gritos, berros e posturas corporais a fim de assinalar perigo, a presença de comida, disposição para acasalar e caçada coordenada” (Ibidem, p. 23).

Gontijo também se propõe uma ampla historicização das formas pelas quais a humanidade se comunica. A autora realiza, assim, uma leitura da história da humanidade enfatizando os aspectos relevantes para a comunicação:

Relevante, para o assunto comunicação, é a versão segundo a qual o mundo é mundo desde o momento em que alguém começou a contar o que estava vendo ao seu redor para alguém que entendia o que estava sendo contado. Esse processo criou mais do que o significado de mundo naquele momento e naquele lugar específico. Surgia o primeiro elo de uma cadeia de códigos e símbolos que foram sendo transmitidos ao longo do tempo das mais diferentes maneiras. Desde então os seres humanos vêm observando e interagindo com seus pares e com seu meio ambiente. De diferentes formas, ao longo dos tempos, cada indivíduo foi apreendendo sua realidade e transmitindo suas experiências (GONTIJO, 2001, p. 14).

A autora vai buscar então na pré-história, antes de 3000 a.C. (quando se tem o surgimento da escrita, na Mesopotâmia, Egito) as primeiras formas ou primeiros meios encontrados pelos seres humanos para se comunicar. Essas primeiras formas ainda são bastante rudimentares e não contam com um código estruturado que define os significados das mensagens:

Muito antes de existir uma linguagem estruturada ou mesmo sons com algum significado, havia comunicação entre os homens. Hoje se acredita que os primeiros sistemas de linguagem criados prescindiam do aparelho vocal. A comunicação se fazia através do gesto, da expressão facial e corporal, do tato, da visão e do olfato (GONTIJO, 2001, p. 17).

Portanto, os primeiros meios de comunicação, isto é, instrumentos materiais utilizados para o intercâmbio de mensagens entre os homens, são aqueles presentes em seu próprio corpo. O ser humano utiliza seus sentidos (visão e audição, principalmente) e partes de seu corpo (expressões faciais, gestos com as mãos, com os membros) para comunicar. São os tipos de meios de comunicação caracterizados como “naturais” por Rabaça e Barbosa, que possibilitam, conforme a classificação de Thompson, a “interação face a face”. Ou, noutra definição, pode-se dizer que esses são os meios de comunicação primários (Pross), pois se realizam com o contato direto entre as pessoas, sem outros instrumentos mediadores que não as próprias pessoas.

Contudo, é importante perceber que, embora Pross afirme que esse tipo de interação não se utilize de instrumentos mediadores, ou Thompson a denomine “interação face a face” em oposição à “interação mediada”, “mesmo o intercâmbio de afirmações lingüísticas face a face pressupõe alguns elementos materiais – laringe, cordas vocais, ondas de ar, ouvidos e tímpanos auditivos etc. – em virtude dos quais os sons significativos são produzidos e recebidos” (THOMPSON, 1998, p. 26). Assim, o que distingue esta modalidade de comunicação é a não-utilização de outros instrumentos além daqueles biológicos presentes no corpo humano.

Nunca, ao longo da história, o ser humano deixou de utilizar a expressividade do próprio corpo como meio de comunicação. E a dimensão expressiva do corpo e da gestualidade acabou por se tornar objeto de estudo da

comunicação, principalmente no domínio de estudos da “comunicação não-verbal”.

Weil e Tompakow, em um livro de título bastante sugestivo, “O corpo fala”, mostram como o corpo humano (a postura do tórax, a inclinação da cabeça, a posição das mãos ou a direção do olhar, por exemplo) serve de transmissor de sinais que indicam sentimentos de ameaça, de acusação, de desinteresse, de ternura e de submissão, entre outros. Os autores argumentam que, na situação de interação face a face, o corpo é utilizado, conscientemente, para transmitir uma série de mensagens (como complemento à fala, para enfatizar um aspecto, enumerar etc.), mas também de forma inconsciente (por exemplo, acariciar pêlos, tirar os sapatos, manter distância do interlocutor, enrolar os cabelos).

No âmbito da Escola de Palo Alto, merece destaque uma frente de estudo sobre esses meios ou formas de comunicação, a Cinese, conduzida por pesquisadores como Birdwhistell, que a define como “o estudo dos aspectos visuais da comunicação não-verbal” (BIRDWHISTELL, 1971, p. 76). A Cinese se debruça sobre os deslocamentos visualmente perceptíveis do corpo na relação comunicativa, isolando os fatores fisiológicos, as variações individuais e identificando, então, os fatores sociais e culturais que incidem sobre o uso do corpo na relação de comunicação (por exemplo, as formas de se coçar, de se espreguiçar). O autor evita o uso do termo “gesto”, “dado que o gesto está limitado àquelas ações cujas descrições contêm racionalizações vocalizadas pelo ator ou observador” (Ibidem, p. 81). Também Frank se preocupa com essa dimensão ao destacar a existência da “comunicação tátil”, isto é, ao perceber que “a pele serve de receptor e transmissor de mensagens, algumas das quais estão culturalmente definidas” (FRANK, 1971, p. 21). Também denominado Cinésica, esse ramo de estudos está na base de várias pesquisas posteriores sobre a comunicação por meio dos gestos (RECTOR; TRINTA, 1985).

Além do corpo (utilização das mãos e dos membros para o envio de mensagens e da visão para a captação dessas mensagens), também a fala foi utilizada desde a pré-história para o estabelecimento de comunicação. Porém,

é importante aqui fazer-se uma distinção entre fala e comunicação oral. Dance realiza essa distinção ao argumentar que os seres humanos não se comunicam apenas através de símbolos verbais, pois, “com efeito, o ser humano tem acesso a toda uma gama de meios de comunicação não-simbólicos” (DANCE, 1973, p. 365). Explica o autor que a fala pode ser vocal e verbal. A primeira é entendida como uso do aparelho fonador independente da existência de um código regulador dos significados. A fala é verbal, por sua vez, quando

é interpretada em termos de palavras, pois o atributo essencial de verbal não é a existência de som no espaço acústico mas a representação de abstrações de muitos casos específicos por um signo que, depois, converte-se num sinal de signos, ou um símbolo (DANCE, 1973, p. 366).

Com essa distinção, o autor ressalta que uma das formas de comunicação da pré-história é a fala. Mesmo quando ainda não existia a linguagem simbólica, ela era utilizada como meio de comunicação, consistindo mais uma modalidade de comunicação não-verbal.

Ainda no terreno da pré-história e da comunicação não-verbal, duas outras formas ou meios de comunicação surgem. Após utilizar os recursos de seu próprio corpo para a inscrição de significados, o homem passa a utilizar-se de objetos do mundo, inscrevendo, neles, determinados significados ou mensagens. Uma dessas formas se refere aos próprios objetos com que o homem lida, desde instrumentos simples a serem utilizados em atividades rotineiras, passando por objetos que compõem sua habitação, chegando à estrutura mesma de sua habitação. Conforme destaca Hymes (1973, p. 32), “saber que os objetos de uma casa podem ser considerados comunicativos é esclarecedor; mostra como integrar objetos e comportamento num único quadro de referência, e eleva a atenção a um cenário enriquecido”.

Gontijo destaca o desenvolvimento da tecnicidade manual, que se expressa, ainda nos primórdios da humanidade, em dois tipos de manifestação: as esculturas em ossos, em pedras lascadas, e a pintura rupestre nas paredes das cavernas. A autora cita, entre outros, uma placa de dente de mamute esculpida e pintada, datada de 45000 a.C., encontrada na atual Hungria, e uma

escultura de animal encontrada na atual Alemanha, datada de 30000 a.C. Sobre eles, ela destaca que “o importante é que ambos foram fruto de um trabalho consciente e intencional e que nos informam sobre um processo de ações encadeadas” (GONTIJO, 2001, p. 22). A autora apresenta diversos achados de pinturas rupestres encontradas em todos os continentes, que representam imagens de pessoas, animais, plantas, e mesmo imagens compostas que representam cenas de violência, sexo, caça ou da organização social. Considerar as pinturas rupestres como meios de comunicação evidencia desde já uma compreensão de “meios”, como mais do que o suporte físico. Afinal, o suporte físico propriamente dito no caso são as paredes das cavernas, mas o que é considerado meio aqui é a “pintura”, isto é, junto com o suporte físico, também uma forma específica de inscrição do material significativo.

Também na tradição de estudos de Palo Alto, surgiu uma corrente de estudos denominada Proxêmica ou Teoria da Proxemia, desenvolvida por, entre outros, Edward Hall, que estuda como as diferentes culturas utilizam o espaço para indicar significados de relação ou afinidade social. Por espaço esse tipo de estudo entende não apenas o espaço ao redor do corpo humano, mas também e principalmente, a organização dos espaços nas casas e prédios, chegando até ao *layout* das cidades (HALL, 1977). Nessa tradição de estudos, a disposição dos objetos e a arquitetura das casas e das cidades representam formas de comunicação na medida em que permitem a inscrição de significados e podem ser entendidas como tais desde sempre, isto é, não haveria um momento na história da humanidade em que esses objetos passariam a ser considerados comunicativos, eles possuem uma dimensão comunicativa desde que sobre eles o homem começou a atuar. Na evolução dos estudos sobre a comunicação não-verbal, a questão dos espaços tem sido constantemente integrada às demais formas de comunicação interpessoal, e muitos desses estudos utilizam os referenciais teóricos da Proxêmica (RECTOR; TRINTA, 1985).

Ainda uma última forma ou meio de comunicação utilizado pelos homens da pré-história é o próprio vestuário. Gontijo ressalta a contribuição, nesse sentido, dos trabalhos de Jean-Pierre Mohen que “revela como o corpo humano não só

era objeto de ritos funerários, mas também de atenções ornamentais” (GONTIJO, 2001, p. 16). A autora a seguir cita o pesquisador francês:

O adorno aparece antes da arte parietal. Enfeitar o corpo é se olhar e tornar seu eu social: fazer de seu corpo um suporte de comunicação. Temos então de olhar o *Homo sapiens* como um ser de comunicação, especialmente porque o enfeite também significa sedução (MOHEN, *apud* GONTIJO, 2001, p. 16).

Assim, na pré-história, além de utilizar seu próprio corpo como suporte ou veículo de comunicação, o homem também exerceu sua ação sobre determinados objetos (peles de animais para a confecção de roupas, pedras lascadas para a criação de instrumentos, pinturas nas paredes das cavernas, construção de habitações) e, para além da funcionalidade desses objetos, tornou-os, também, meios de comunicação. Aqui tem início o segundo tipo de interação comunicativa, denominada por Thompson “interação mediada”. Ou, no dizer de Pross, trata-se de meios de comunicação secundários, pois possibilitam a interação entre as pessoas com a utilização de algum objeto ou instrumento.

A dimensão comunicativa dessas práticas se desenvolve na direção de uma institucionalização de determinados formatos e padrões de ação humana, de maneira que “os gestos, as expressões faciais, o vestuário, o desempenho teatral e a dança podem ser vistos como meios de comunicação” (O’SULLIVAN, 2001, P. 151). Todas essas práticas vão dar origem a formas institucionalizadas de ação humana e mesmo formas de arte: a pintura, a escultura, a moda e o estilismo, a arquitetura e a decoração, o teatro, a dança e a música. E, como arte, revestem-se exatamente de uma dimensão expressiva, comunicativa, simbólica. As formas de comunicação apresentadas até aqui possuem uma característica em comum: constituem formas de comunicação não-verbal.

Uma distinção fundamental se dá no posterior desenvolvimento dos meios de comunicação humana com o início da fala, isto é, da comunicação oral, entendida como a existência de um léxico (GONTIJO, 2001, p. 17), como fala verbal (DANCE, 1973, p. 366), marcando a entrada da humanidade na “era da fala e da linguagem” (DeFLEUR; BALL-ROKEACH, 1993, p. 23), o que

provavelmente se deu entre 90 e 40 mil anos atrás. A comunicação oral entendida nesse sentido representa o primeiro meio de comunicação verbal.

A etapa seguinte, na historicização de DeFleur e Ball-Rokeach, é a “era da escrita”, iniciada há cinco mil anos. De acordo com os autores, “essa grande ferramenta para o desenvolvimento das capacidades humanas foi inventada independentemente em mais de uma parte do mundo” (Ibidem, p. 23), destacando-se os chineses e os maias, mas, antes deles, os sumérios e egípcios no antigo Crescente Fértil (atuais Turquia, Iraque, Irã e Egito).

A escrita representa não apenas uma forma de comunicação verbal que conjuga, também, a utilização de instrumentos de mediação, como permite, a partir dela, o desenvolvimento de diferentes meios de comunicação, como a carta e o livro. Sua grande diferença em relação à comunicação oral é o grau de fixação das mensagens. Ao mesmo tempo, passa a exigir um requisito fundamental dos interlocutores, a alfabetização. Ela ainda representa outra importante contribuição:

Cada palavra tem como pano de fundo uma língua inteira. E, por sua vez, cada língua é um sistema de códigos (...) A expressão oral foi uma forma de nomear coisas e sentimentos. O surgimento de um léxico encadeou o sentido para ambos. Representá-los através de símbolos visuais – essas coisas e sentimentos – e, mais tarde, simplesmente simbolizar os sons foi o papel da escrita (GONTIJO, 2001, p. 30).

Gontijo ressalta que a adoção da escrita é tão importante para a humanidade que seu surgimento marca o início da História, pois, “por definição, a história começa em 3000 a.C., com o início da escrita na Mesopotâmia, Egito” (Ibidem, p. 22). Os precursores da escrita foram os tokens, fichas de barro construídas para a contagem de ovelhas, colheitas e utensílios, utilizados há cerca de 8500 a.C., e os pictogramas da escrita cuneiforme dos sumérios. A autora cita também a vinculação do desenvolvimento da escrita com os agrupamentos sociais, pois, com o início dos vilarejos e a adoção das plantações, mudam-se as relações sociais. Antes, as tribos reuniam de 12 a 20 pessoas. Nos vilarejos já havia centenas de pessoas reunidas, o que significava mais informações a serem transmitidas e armazenadas – informações como a posse de utensílios,

genealogia, épocas para plantio. A autora sintetiza, assim, a passagem de um “sistema de comunicação mais simples, a fala, para outro mais complexo, como a escrita”:

O crescimento dos agrupamentos humanos gerou a demanda de transmissão do conhecimento acumulado de forma sistematizada e para um número maior de pessoas do que aquele que se reunia em volta de uma fogueira, para ouvir um narrador (GONTIJO, 2001, p. 31).

A etapa seguinte no desenvolvimento dos meios de comunicação, apontada como a mais importante por todos os autores consultados, diz respeito ao desenvolvimento da comunicação de massa. Sua importância é avaliada a seguir:

A produção e a circulação das formas simbólicas nas sociedades modernas é inseparável das atividades das indústrias da mídia. O papel das instituições da mídia é tão fundamental, e seus produtos se constituem em traços tão onipresentes da vida cotidiana, que é difícil, hoje, imaginar o que seria viver num mundo sem livros e jornais, sem rádio e televisão, e sem os inúmeros outros meios através dos quais as formas simbólicas são rotineira e continuamente apresentadas a nós. Dia a dia, semana a semana, jornais, estações de rádio e televisão nos apresentam um fluxo contínuo de palavras e imagens, informação e idéias, a respeito dos acontecimentos que têm lugar para além de nosso ambiente social imediato. (...) As indústrias da mídia nem sempre desempenharam papel tão fundamental. O surgimento e o desenvolvimento dessas indústrias foi um processo histórico específico que acompanhou o surgimento das sociedades modernas. As origens da comunicação de massa podem ser ligadas ao século XV (THOMPSON, 1995, p. 219-220).

A comunicação de massa começa realmente a partir da invenção dos tipos móveis, por Gutenberg, no período em torno de 1455. Afinal, é a partir desse invento que se consegue a reprodução em grande escala de qualquer texto, de forma absolutamente fidedigna (porque, na prática dos copistas na Idade Média, muitas vezes eram feitas alterações em relação aos originais). O desenvolvimento da imprensa ao longo dos séculos XV, XVI e XVII permite a produção de livros e de um novo meio de comunicação, os jornais. Conforme aponta STEPHENS (1993, p. 327-328), os primeiros jornais datam de 1609 (Estrasburgo), 1610 (Basiléia) e 1615 (Frankfurt).

Contudo, é apenas no século XVIII, impulsionados pela Revolução Industrial, que esses meios atingem a real dimensão de veículos de comunicação de massa, com grandes tiragens. Mattelart (1991, p. 294-295) identifica algumas

das invenções fundamentais para esse processo: o aperfeiçoamento da impressora manual por Nicholson em 1790; o aperfeiçoamento do sistema de fabricação de papel por Fourdrinier em 1807; a primeira aplicação do princípio da máquina a vapor nas impressoras, por Loenig e Bauer, em 1814; e a rotativa com dois cilindros, por Hoe, em 1846.

Polistchuk e Trinta identificam essa como a primeira revolução provocada pelas técnicas de comunicação: a invenção dos tipos móveis por Gutenberg, dando origem à “civilização tipográfica” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 33). É o “modelo de jornal barato e popular” (STEPHENS, 1993, p. 457), com tiragens de milhões, que marca a conversão do jornal em meio de comunicação realmente de massa. *Le Petit Parisien*, em 1890, se torna o primeiro jornal diário a ultrapassar a tiragem de um milhão de exemplares (MATTELART, 1994, p. 28).

Além dos jornais, livros e revistas, o final do século XIX conhece um novo formato de publicação impressa, o folhetim e, pouco depois, as histórias em quadrinhos, inicialmente publicadas em 1894 em jornais norte-americanos.

O final do século XVIII e o século XIX representam, conforme Mattelart (1991, p. 295-296), um momento de criação de três tipos de meios de comunicação. Os primeiros são aqueles relacionados a tecnologias de transmissão da informação: o telégrafo ótico (Chappe, 1793), o telégrafo elétrico (Morse e Cooke, 1837), os cabos submarinos (a partir de 1851) e o telefone (Bell, 1876). Esses meios irão preparar o caminho para a segunda grande revolução da comunicação de massa, no começo do século XX.

Também no século XIX, surgiram meios de comunicação ligados à fixação da imagem. Destes, o primeiro, que compartilha com os meios impressos a característica de ser um meio de comunicação visual, é a fotografia, que pressupõe a fixação da imagem. As primeiras experiências exitosas datam de 1827, com Niepce, sendo o “daguerreótipo”, criado por Daguerre em 1838, considerado o precursor da fotografia. Um avanço posterior, a transmissão de uma imagem por telegrafia, em 1872, se torna o “prelúdio à fotografia de

imprensa” (MATTELART, 1996, p. 295), na medida em que permite a inserção da fotografia em jornais, revistas e livros.

O outro meio de comunicação diretamente relacionado à fotografia é o cinematógrafo criado em 1892 pelos irmãos Lumière, que fixava a imagem em movimento. As primeiras projeções cinematográficas ocorrem em 1895 e, no início do século XX, o cinema se converte em importante meio de comunicação de massa.

Além da fixação da imagem, o século XIX também registra a criação de meios de comunicação para a fixação do som, como o fonógrafo criado em 1878. Da preocupação com o som e com a contribuição das várias tecnologias de transmissão de informações, tem início, em 1896, a radiocomunicação, com Marconi (MATTELART, 1996, p. 297). A primeira transmissão transatlântica por telegrafia sem fio ocorre em 1901 e, em 1906, a primeira transmissão da voz humana por rádio. O rádio deve ser entendido como resultado da “sedimentação de fases e inventos que foram se sucedendo” (FEDERICO, 1982, p. 11), isto é, a partir de uma série de inventos, como a telegrafia por fio, a telegrafia sem fio e a radiocomunicação, entre 1850 e 1900. Afinal, o que Marconi conseguiu fazer foi a realização de transmissões a milhares de quilômetros. Antes dele, Bell, em 1876, havia conseguido transmitir, por fio, o som (telefonía) e Hertz dispensou o fio, gerando ondas de rádio com propagação pelo espaço (SAMPAIO, 1984, p. 183).

Nas décadas de 1920 e 1930, firmam-se os meios de comunicação responsáveis pela segunda grande revolução das comunicações de massa. Em 1922, acontecem as primeiras transmissões regulares de rádio. Em 1926, tem início o cinema falado. Em 1929 e 1930, ocorrem as primeiras transmissões experimentais de televisão, datando de 1939 as primeiras transmissões regulares (MATTELART, 1996, p. 298-299).

Também a televisão é resultado de uma série de invenções anteriores. Em primeiro lugar, é resultado de todas aquelas relativas ao rádio, faltando apenas “atinar que tanto o som como a luz, uma vez transformados em réplica elétrica,

poderiam se propagar pelo espaço por meio de ondas de rádio” (SAMPAIO, 1984, p. 183). Em segundo lugar, é resultado do desenvolvimento dos meios de transmissão de imagem, inicialmente por fios (Carey, 1875), depois por meio de células fotoelétricas (Elster e Geitel, 1895) até a invenção do tubo de raios catódicos, por Braum, em 1897. Todos esses inventos foram fundamentais para que, em 1926, Baird conseguisse a transmissão de imagens nítidas. No ano seguinte, Zworikin, por muitos considerado o “pai da televisão”, cria o iconoscópio (SAMPAIO, 1984, p. 183ss).

A partir da evolução desses meios, têm início os processos de radiodifusão, que podem ser conceituados como “toda e qualquer transmissão, emissão ou recepção de signos, símbolos, escrita, imagens e sons ou qualquer significado inteligível de qualquer natureza, através de fio, rádio, sistemas eletromagnéticos ou óticos” (FEDERICO, 1982, p. 21-22).

A todo esse conjunto de meios de comunicação criados entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX, costuma-se designar “meios de comunicação audiovisuais”. A classificação pode parecer estranha, pois alguns desses meios são apenas visuais (a fotografia, por exemplo) e outros apenas auditivos (como o rádio, o fonógrafo, o disco). Contudo, a confusão é desfeita por Cazeneuve:

Na verdade, o termo “audiovisual” é ambíguo e a sua natureza lingüística compósita, sem dúvida, serve para alguma coisa. Para ser perfeitamente aceitável, a expressão exacta deveria ser: “técnicas auditivas, visuais e audiovisuais”. Foi por uma elipse desastrada, mas consentida de agora para o futuro, que se afirma que a rádio ou a projecção são “audiovisuais” (CAZENEUVE, 1976, p. 30).

Bordenave (1986, p. 56) aponta, como desenvolvimentos sucessivos dos meios audiovisuais, os satélites de comunicação, a TV por cabo, as fibras óticas e a perivisão (conjunto de aparelhos periféricos acoplados à televisão, como o videocassete, o videodisco, o videotexto e o teletexto).

A última etapa no desenvolvimento dos meios de comunicação diz respeito à revolução digital ocorrida na segunda metade do século XX. Sua origem

remonta à máquina de cartões perfurados criada por Hollerith em 1880 (MATTELART, 1996, p. 296). Essa revolução é tão importante que Dizard Jr. propõe que ela é a mais relevante para a classificação dos meios de comunicação, compreendidos em dois grandes grupos a partir da dicotomia “mídia antiga” e “mídia nova”. Entre os meios que compõem a categoria da “mídia nova”, o autor inclui os computadores multimídia, o CD-ROM, os aparelhos de fac-símile de última geração, bancos de dados portáteis, livros eletrônicos, redes de videotextos, telefones inteligentes e satélites de transmissão direta de televisão para as residências (DIZARD JR., 1998, p. 14). Explica o autor:

As atuais mudanças são a terceira grande transformação nas tecnologias da mídia de massa nos tempos modernos. A primeira aconteceu em meados do século passado, com a introdução das impressoras a vapor e do papel jornal barato. O resultado foi a primeira mídia de massa verdadeira – os jornais ‘baratos’ e as editoras de livros e revistas em grande escala. A segunda transformação ocorreu no início deste século, com a introdução da transmissão por ondas eletromagnéticas – o rádio em 1920 e a televisão em 1939. A terceira transformação na mídia de massa – que estamos presenciando agora – envolve uma transição para a produção, armazenagem e distribuição de informação e entretenimento estruturadas em computadores (DIZARD JR., 1998, p. 55-56).

O autor analisa cada um desses novos meios, suas características tecnológicas e também suas dimensões econômicas, políticas e sociais. Percebe o fenômeno da convergência tecnológica, isto é, a forma como a digitalização faz convergir todas as formas de produção da informação (dos impressos aos eletrônicos audiovisuais) e destaca a forma como os meios de comunicação tradicionais (a “mídia antiga”) como os jornais, as revistas, os livros, o rádio, a televisão e o cinema se comportam e se adaptam a essa nova realidade tecnológica:

Sob vários aspectos, este novo padrão de mídia é qualitativamente diferente dos anteriores. Uma tecnologia – a computadorização – agora é o módulo para todas as formas de produção de informação: som, vídeo e impressos. Como resultado, os computadores estão obrigando a uma reestruturação maciça dos serviços de mídia antigos, criando, ao mesmo tempo, um novo grupo de serviços concorrentes. As linhas tradicionais entre um veículo e outro se desagregam quando compartilham de um módulo de computador comum. Aparelhos de fax são jornais. Compact discs são livros. Satélites são transmissores de televisão. As velhas diferenças perdem a nitidez à medida que os computadores transformam os produtos tradicionais e acrescentam novos (DIZARD JR., 1998, p. 56).

Lima se utiliza dos conceitos de Dizard Jr. O autor percebe como principal característica da “mídia antiga” a existência de produtos de informações e

entretenimento centralmente produzidos e padronizados distribuídos a grandes públicos. Já na “nova mídia”, os produtos não se originam de uma fonte central, e são oferecidos serviços especializados a vários pequenos segmentos do público. Ou seja, a nova mídia altera duas características centrais da velha mídia: a unidirecionalidade e a massificação (LIMA, 2001, p. 27).

Entre os veículos da “nova mídia” mais importantes, Dizard Jr. apresenta e define a internet, que consiste num ambiente inter-redes; o CD-ROM, um disco pré-gravado e de memória fixa que armazena dados digitais; a multimídia, sistemas de informações que combinam diferentes tipos de conteúdo (som, imagem, texto) e instalações de armazenagem (fitas de vídeo, fitas de áudio, discos magnéticos, discos ópticos); e, por fim, o próprio computador, que é a tecnologia fundamental que lida com informações digitais, que permite a digitalização de todos os outros veículos.

Dizard Jr. e outros autores fazem distinções entre televisão analógica (aberta ou fechada) e televisão digital, rádio analógico e rádio digital, fotografia por processo filmico e fotografia digital, fita cassete e DAT (armazenador de dados digitais de áudio), entre outras. Afinal, todos os meios de comunicação passaram a possuir sua versão digital. Essas diferenças não serão consideradas, pois se trata ainda do mesmo meio de comunicação. Serão considerados, no sistema classificatório em construção, apenas meios digitais que representam novidades, isto é, meios que ainda não existiam – no caso, o CD-ROM, a internet, o computador e a multimídia.

Polistchuk e Trinta também identificam uma nova revolução a partir das novas tecnologias da comunicação. Os autores apresentam e definem esses novos meios, sendo os principais a internet e a multimídia (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p. 157-159). Outros veículos apresentados pelos autores são o telefone móvel, o videocassete, a televisão de alta definição, o DAT, o MD, o DVD e os videogames (Ibidem, p. 42).

Apontamentos finais

A discussão realizada até aqui sobre os meios de comunicação buscou apresentar um amplo quadro de possibilidades de compreender esses meios. Considerando-se os argumentos expostos, encaminha-se uma proposta de listagem dos meios de comunicação que vai muito além das classificações convencionais.

Assim, uma listagem dos meios de comunicação que se pretendesse ampla e exaustiva acabaria por conduzir a um conjunto de quatro grandes grupos. Em primeiro lugar, vêm os meios de comunicação não-verbal: gestualidade (sendo o corpo humano entendido como o suporte da comunicação), fala ou oralidade, escultura, pintura, decoração e arquitetura (entendidos os objetos domésticos, no primeiro caso, e a estrutura das casas ou das cidades, no segundo, como o suporte da comunicação), vestuário ou moda, dança, teatro, música e grafite. Uma maneira específica de compreendê-los pode se dar com a idéia de “comunicação face a face” cotidiana, em que não se pode separar a gestualidade, a fala, o vestuário e outros elementos que compõem, juntos, uma totalidade, designando as interações cotidianas em que as pessoas utilizam todas as suas formas de expressividade no contato com o outro (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 46-48).

A seguir, aparecem os meios normalmente considerados como meios de comunicação, divididos em três grandes grupos: os meios impressos (livro, jornal, revista, histórias em quadrinhos, fotonovela, cartaz, outdoor), os meios audiovisuais (fotografia, disco, rádio, cinema, televisão e vídeo) e os meios digitais (computador, CD-ROM, internet, multimídia, DVD).

Referências bibliográficas

BELTRÃO, Luiz; QUIRINO, Newton. **Subsídios para uma teoria da comunicação de massa**. São Paulo: Summus, 1986.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade:** tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BIRDWHISTELL, Ray. Chinês e comunicação. In: CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshall (orgs). **Revolução na comunicação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971, p. 76-86.

BORDENAVE, Juan. **Além dos meios e mensagens:** introdução à comunicação como processo, tecnologia, sistema e ciência. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia:** de Gutenberg à internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

CAZENEUVE, Jean (org). **Guia alfabético das comunicações de massa.** Lisboa: Edições 70, 1976.

DANCE, Frank (org). **Teoria da comunicação humana.** São Paulo: Cultrix, 1973.

DEBRAY, Régis. **Manifestos midiológicos.** Petrópolis: Vozes, 1993.

DeFLEUR, Melvin; BALL-ROKEACH, Sandra. **Teorias da comunicação de massa.** Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

DIZARD JR., Wilson. **A nova mídia:** a comunicação de massa na era da informação. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

FEDERICO, Maria Elvira Bonavita. **História da comunicação:** rádio e TV no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1982.

FRANK, Lawrence. Comunicação tátil. In: CARPENTER, Edmund; McLUHAN, Marshall (orgs). **Revolução na comunicação.** Rio de Janeiro: Zahar, 1971, p. 21-29.

GONTIJO, Silvana. **O mundo em comunicação.** Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

HALL, Edward. **A dimensão oculta.** Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

HYMES, Dell. A antropologia da comunicação. In: DANCE, Frank (org). **Teoria da comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1973, p. 09-56.

LIMA, Venício. Breve roteiro introdutório ao campo de estudo da comunicação social no Brasil. In: **Mídia: teoria e política**. São Paulo: Perseu Abramo, 2001, p. 21-53.

MATTELART, Armand. **Comunicação-mundo: história das idéias e das estratégias**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MATTELART, Armand. **A invenção da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget, 1996.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2000.

O'SULLIVAN, Tim et al (orgs). **Conceitos-chave em estudos de comunicação e cultura**. Piracicaba: Ed. Unimep, 2001.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio Ramos. **Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

RECTOR, Mônica; TRINTA, Aluizio. **Comunicação não-verbal: a gestualidade brasileira**. Petrópolis: Vozes, 1985.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **As técnicas da comunicação e da informação**. Lisboa: Presença, 1999.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação: problemas, correntes e autores**. São Paulo: Edicon, 1998.

SAMPAIO, Mário Ferraz. **História do rádio e da televisão no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos *media***. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2003.

STEPHENS, Mitchell. **História das comunicações**: do tantã ao satélite. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

WEIL, Pierre; TOMPAKOW, Roland. **O corpo fala**: a linguagem silenciosa da comunicação não-verbal. Petrópolis: Vozes, 1973.